

LITERATURA-MUNDO COMPARADA  
PERSPECTIVAS EM PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO GERAL: HELENA CARVALHÃO BUESCU

---

PARTE III

# PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO

VOLUME 5



COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:  
HELENA CARVALHÃO BUESCU  
SIMÃO VALENTE

---

LISBOA

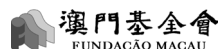
TINTA-DA-CHINA  
MMXX

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto HUIDB/00509/2020.

APOIOS:



© 2020, Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e Edições tinta-da-china, Lda. Rua Francisco Ferrer, 6 A | 1500-461 Lisboa 21 726 90 28/29 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO:

*Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em português III — Pelo Tejo Vai-se para o Mundo (Volume 5)*

COORDENAÇÃO GERAL:

Helena Carvalhão Buescu

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DE III — PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO:

Helena Carvalhão Buescu e Simão Valente

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DE III — PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO:

Amândio Reis, Ariadne Nunes, Bernardo Diniz Ferreira, Camila Seixas e Sousa, Francisco Carlos Marques, Gonçalo Cordeiro, João M.P. Gabriel, Marta Rosa, Rafael Esteves Martins

COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china

CAPA: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2020

ISBN 978-989-671-548-9

Depósito Legal n.º 467787/20

Este volume reproduz os textos fixados nas edições consultadas, identificadas junto a cada texto.

## COLABORADORES

(PARTE III, VOLS. 5 E 6)

Acervo Indígena — Acind — coleção  
especial da Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Minas Gerais  
— Brasil

Adalberto Alves  
Amândio Pereira dos Reis  
Ana Luísa Amaral  
Ana Paula Coutinho Mendes  
André Simões  
Ângela Fernandes  
António Barrento  
António Graça de Abreu  
António Rei  
Ariadne Nunes  
Ba Djibril  
Badr Hassanien  
Bernardo Diniz Ferreira  
Camila Seixas e Sousa  
Carlos Botão Alves  
Catarina Nunes de Almeida  
Chan Hoi Kei  
Daniela Guerreiro  
Delfim Correia da Silva  
Dulce Pereira  
Flávia Ba  
Francisco C. Marques  
Francisco Caramelo  
Gil de Carvalho  
Gonçalo Cordeiro  
Helena Trindade Lopes  
Hugo Maia  
Humberto U Long Io  
Inocência Mata  
Inês da Rocha Silva  
Isabel Araújo Branco  
Isabel Dâmaso Santos

Jessie Wu Yuxi  
João M. P. Gabriel  
José Augusto Ramos  
José Carlos Calazans  
José Pedro Sousa  
Licínia Jorge  
Lu Ziliang  
Lúcia Mucznik  
Luís Manuel de Araújo  
Mactar Seck  
Margarida Vale de Gato  
Maria Abreu Pinto  
Maria de Fátima Rosa  
Maria Inês Almeida  
Mariana Nunes  
Marta Pacheco Pinto  
Marta Rosa  
Mercy Wambui  
Miguel Filipe Mochila  
Milad Rasheed  
Miriam de Sousa  
Mitzi Guerrero  
Moacir Amâncio  
Moctar Diouf  
Núcleo Literaterras — Universidade  
Federal de Minas Gerais  
Patrícia Couto  
Patrícia Infante da Câmara  
Paulo Dias  
Rafael Esteves Martins  
Raquel Carapinha  
Rita Ray  
Rui Carlos Fonseca  
Rui Manuel Gomes Vieira  
Sebastián Patrón  
Shiv-Kumar Singh

Sofia Chan  
Sofia de Sousa Kou  
Sónia Jorge

Telo Ferreira Canhão  
Viviane de Cássia Maia Trindade  
Wong Chang Chi

PARTE III  
PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO  
(VOLUME 5)



## ÍNDICE GERAL

Palavras Prévias	27
Introdução Geral	29
Introdução — <i>Pelo Tejo Vai-se para o Mundo</i>	35

### O MUNDO ANTIGO (III MILÉNIO A.C. — 500)

#### (I) MESOPOTÂMIA: A INVENÇÃO DA ESCRITA, AS PRIMEIRAS CIDADES E IMPÉRIOS, OS TEXTOS MAIS ANTIGOS

«Lenda de Sargão de Akkad», in <i>Legends of the Kings of Akkade</i>	49
«Etana», in <i>The Standard Babylonian Etana Epic</i>	50
<i>A Epopeia de Gilgamesh</i>	55
«Atra-Hasis», in <i>Atra-Hasis: The Babylonian Story of the Flood</i>	62
<i>Enuma Elish</i> , in <i>The Standard Babylonian Creation Myth Enūma Eliš</i>	70
«Código de Hammu-rabi», in <i>Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor</i>	73
«Oráculos proféticos da Assíria», in <i>A Linguagem Profética na Mesopotâmia</i>	76
«Textos proféticos de Mari», in <i>A Linguagem Profética na Mesopotâmia</i>	78
«Hino acróstico de Assurbanípal a Marduk e a Zarpanitu», in <i>Court Poetry and Literary Miscellanea</i>	82
«Hino de Assurbanípal a Ashur», in <i>Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas</i>	86

## (2) O ANTIGO EGIPTO

«A batalha de Kadech», in <i>A Guerra na Antiguidade, vol. I</i>	99
«Contos do Papiro Westcar», in <i>Mitos e Lendas do Antigo Egípto</i>	102
«A Estela poética de Turmés III», in <i>A Guerra na Antiguidade, vol. II</i>	112
«Hino a Aton», in <i>Dicionário do Antigo Egípto</i>	115
«As Lamentações de Khakheperréseneb», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	120
«Conto do camponês eloquente», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	124
«Conto do naufrago», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	142
«Diálogo de um desesperado com o seu <i>ba</i> », in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	149
«História de Sinuhe», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	156
«Instrução de Kheti», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	172
«Canto de amor», in <i>Chants d'amour de l'Égypte antique</i>	182
«Capítulo CXXV», in <i>The Book of The Dead</i>	190

## (3) MUNDO CANANAICO E BÍBLICO

### LITERATURA EM UGARÍTICO

<i>Baal e Yammu</i>	203
<i>O Palácio de Baal</i>	208
<i>Baal e Motu</i>	215
<i>Épopeia de Kirta</i>	222
<i>Épopeia de Aqhatu</i>	228

LITERATURA EM HEBRAICO

BÍBLIA

*Nova Bíblia dos Capuchinhos*

237

«Manuscritos do Mar Morto»,  
in *Die Texte aus Qumran*

252

LITERATURA EM ARAMAICO

BÍBLIA

*Nova Bíblia dos Capuchinhos*

257

LITERATURA EM GREGO

BÍBLIA

*Nova Bíblia dos Capuchinhos*

263

(4) ÍNDIA. A ÉPOCA CLÁSSICA (COSMOGONIA E HERÓIS)

«X Mandala; Sūkta 10.129 — Hino da Criação»,  
in *Rig Veda Mantra Sambita*

279

«II Mandala; Sūkta 2.35 — O Filho das Águas»,  
in *Rig Veda Mantra Sambita*

280

«I Mandala; Sukta 160 — O Céu e a Terra»,  
in *Rig Veda Mantra Sambita*

282

«A Criação dos Seres»,  
in *Prashna Upanishad*

283

«Meditação sobre o Om»,  
in *Chandogyā Upanishad*

285

«A Causa do Universo»,  
in *Chandogyā Upanishad*

287

«IV Adhyaya, 5 Brahmana, Yajñavalkya e Maitreyi»,  
in *Brihadaranyaka Upanishad*

288

AUVAIYAR

«Puranaanuru 102: Sobre Pokuttelini», in *The Oxford India Ramanujan*

292

VĀLMĪKI

«Livro II: Ayodhya Kanda; Capítulo I [Sarga] — O Livro de Ayodhya»,  
in *Sbrimad Vālmiki Ramayan*

293

VITTAKUTIRAIYĀR

«Kurunthokai 74: Kurinji thinai — O que a sua amiga lhe disse»,  
in *Old Tamil Poetry*

297

- Krishna Dvapayana VYASA  
«Bhagavad-Gita; Jñāna Yoga, Capítulo II — O conhecimento transcendente»,  
in *Complete Shrimad Bhagavad-Gita in Sanskrit and Hindi* 298
- THEVAKULATHĀR  
«Kurunthokai 3: Kurinji thinai — O que ela disse»,  
in *Love Stands Alone: Selections from Tamil Sangam Poetry* 304

### (5) CHINA. A TRADIÇÃO CLÁSSICA

- «Dezanove poemas antigos — Dois»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 309
- «Dezanove poemas antigos — O décimo quinto»,  
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 310
- CONFÚCIO (compilado por)  
«O livro das odes: ‘Vento e chuva’», in *Quinhentos Poemas Chineses* 311
- CONFÚCIO (compilado por)  
«O livro das odes: ‘Folhas secas’ e ‘Os soldados’»,  
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 312
- LAO TSE  
«Dois», «Trinta e seis», «Quarenta e sete»,  
in *Tao Te Ching: Livro da Via e da Virtude* 314
- LIU LING  
«Elogio do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses* 316
- QU YUAN  
«Enigmas», in *Quinhentos Poemas Chineses* 317
- TAO YUANMING  
«Bebendo um álcool», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 319
- XIE LINGYUN  
«Diálogo no rio Dongyang», in *Quinhentos Poemas Chineses* 320

## ENTRE A ANTIGUIDADE E A IDADE MODERNA (500-1500)

### (1) O DESPERTAR DO MUNDO ÁRABE-ISLÂMICO

- Maryam AL-ANSARĪ  
[eis que o rodar do tempo me fez velha:], in *O Meu Coração É Árabe* 325

Badi' al-Zamān AL-HAMADHANI «A Maqama de Hulwan», in <i>Maqāmāt</i>	326
AL-KHANSA' [eu era sem sono e fui da noite vigilante], in <i>Arabic Poetry</i>	329
AL-MUTANABBÎ [um homem tem a dimensão alcançada por seus feitos], in <i>La solitude d'un homme</i>	331
<i>As Mil e Uma Noites</i>	333
IBN'AMMÂR «A Al-Mu'tadid», in <i>O Meu Coração É Árabe</i>	344
IBN AL-FÂRID [bebemos, em recordação do Amado, um vinho], in <i>Arabic Poetry</i>	345
Abû Muhammad IBN SÂRA ASH-SHANTARINÎ [ah, a noite que eu sem fim passei!...], in <i>O Meu Coração É Árabe</i>	346
'Antara IBN SHADÂD [fazei-me guerra, ó acasos das noites], in <i>Arabic Poetry</i>	347
IBN ZAYDÛN [ali eu te revi em recordação], in <i>A Phala</i>	349
Abû NUWÂS [o oprimido pelo amor é um deprimido], in <i>Arabic Poetry</i>	351
(2) O ADSTRATO CULTURAL IBÉRICO	
A LITERATURA ÁRABO-ISLÂMICA DO AL-ANDALUS	
Abû al-'Alâ 'AL-MA'ARRÎ [será seguir a via da grandeza viver como eu vivo], in <i>La poésie arabe classique</i>	357
Ibn 'Abbâd AL-MU'TAMID «Inocultável», in <i>Al-Mu'tamid, Poeta do Destino</i>	358
Wallâda Bint AL-MUSTAKFI [tivesses tu sido fiel ao nosso amor], in <i>Florilêge de la poésie andalouse au féminin</i>	359
IBN (AL-)'ARABÎ [...encanto é o da formosa que usa véu], in <i>No Vértice da Noite</i>	360
Abû Bakr Muhammad IBN QUZMÂN «À amada Umm al-Hakam», in <i>El mejor de Ben Quzmán</i>	361

A SINGULARIDADE MOÇÁRABE

- «Dolo»,  
in *Crónica Mozárabe de 754* 365
- «Kharjat»,  
in *Las Jarchas Mozarabes y los comienzos de la Lirica Romanica* 367

A LITERATURA HEBRAICO-SEFARDITA

- Yehudah ALHARIZI  
«A boda», in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 373
- Yehudah HALEVI  
«O gazel», in *Revista de Estudos Orientais* 379  
«A gazelinha não me toques», in *Cadernos de língua e literatura Hebraica* 381  
«A terra, qual menina», «Servos do tempo» e «Ofan»,  
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 382
- Shmuel HANAGUID  
[Há um mar entre mim e ti] e [Disse ela: alegra-te por ter chegado],  
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 385  
[A terra é do homem a prisão diária] e [Daria a vida por / Tão pérfido gazel],  
in *The Penguin Book of Hebrew Verse* 386  
[Daria a vida por / Gazel que despertou] e [Vê este meu sofrer agora],  
in *Revista de Estudos Orientais* 387
- Avraham IBN EZRA  
«Madrugó e à casa do patrono eu vou» e «A capa rasgada»,  
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 388  
«As esferas e os signos lá no céu», in *The Penguin Book of Hebrew Verse* 389
- Moshê IBN EZRA  
«E a maçã, na verdade, Deus não criou»,  
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 390  
«Túnica de cores», in *Carta a Fernando Pessoa* 391
- IBN GABIROL  
[O inverno escreveu com tinta de chuva],  
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 392

(3) A LITERATURA BIZANTINA

- «Beltandro e Crisantza»,  
in *Romanzi Cavallereschi Bizantini* 399
- «Canto VI»,  
in *Digenis Akritis* 402

Ana COMNENA «Alexíada», in <i>Annae Comnenae Porphyrogenitae Alexias</i>	406
DUCAS «Capítulo XXXIX — <i>História</i> », in <i>Ducae Michaelis Ducae Nepotis Historia Byzantina</i>	412
Agátias ESCOLÁSTICO «V, 261», in <i>Anthologie Grecque, Première Partie</i>	417
Nicetas EUGENIANO «Livro IV — Drosila e Cárcles», in <i>Il Romanzo Bizantino del XII Secolo</i>	418
Eustácio MACREMBÓLITES «Livro XI — Hismine e Hismínias», in <i>Il Romanzo Bizantino del XII Secolo</i>	420

#### (4) PÉRSIA

ATTÂR [abre-se o vale do amor], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	429
FERDOWSI «Rostam contra Sohrab», in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	430
HÂFIZ [tu tens o esplendor que é o da manhã], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	431
JAMI [como é doce a brisa no sopro da manhã!], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	432
Omar KHAYYÂM [sabes lá o que o futuro te vai dar], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	433
NIZÂMÎ [diz-me, de onde vens?], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	434
RUDAKI [breve ou longa, que me importa a vida!], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	435
RÛMI [Copeiro], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	436
SA'ADI [somos filhos da humana condição], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	437
SANÂ'I [esse coração, livre de dor e de pesar], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	438

(5) ÍNDIA

KABIR  
«A morada do amado», in *The World's Poetry Archives* 443

KALIDASA  
«A nuvem mensageira (primeira parte)», in *The Meghaduta of Kalidas* 444

Swami SVATMARAMA  
«Luz sobre o Hathayoga», in *Hathayoga Pradipika* 446

(6) CHINA: LITERATURA DAS DINASTIAS TANG E SONG (618-1279)

«A brisa no alaúde»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 451

BAI JUYI  
«Canto do remorso perpétuo», in *Poemas de Bai Juyi* 452

DU FU  
«A Wei Pa» e «Lua cheia», in *Quinhentos Poemas Chineses* 456  
«Ode aos oito imortais do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses* 457  
«Pensamentos nocturnos»,  
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Nalan Xingde* 458

HAN SHAN  
[Por sorte, habito solitário entre penhascos,],  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 459

HAN YU  
«Ruína», in *Quinhentos Poemas Chineses* 460

LI BAI (ou LI PO)  
«Canto das aves, à tarde», in *Quinhentos Poemas Chineses* 461  
«Com uma taça de vinho na mão» e «Uma noite entre amigos»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 462  
«Na margem do rio» e «Lamento nos degraus de Jade»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 463

LI HO (ou LI HE)  
«Chega o Outono», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 464

LI QINGZHAO  
«Primavera em Wuling», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 465

LIU ZONGYUAN  
«Neve no rio», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 466

SU DONGPO (ou SU SHI)  
«Cruzeiro no rio Ying», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 467

«Escrito na parede da casa do mestre *chan*, no templo dos Dois Bambus»  
e «No pórtico, junto ao lago»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 468

WANG CHANGLING  
«Dolência dos apartados femininos»,  
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun* 469

WANG WEI  
«Uma despedida» e «Despedida»,  
in *quān táng shī* 470  
«Poema mesclado», «Linhas» e «Oferecendo de beber a Pei Ti»,  
in *Quinhentos Poemas Chineses* 471  
«Suspiro por um cabelo branco», in *wáng yóu chéng jí jiān zhù* 473

ZHANG JIULING  
«Quarto minguante», in *Quinhentos Poemas Chineses* 474

#### (7) COREIA: A DINASTIA JOSEON

«Canções de dragões em voo»,  
in *Anthology of Korean Literature* 477

#### (8) A IDADE CLÁSSICA DO JAPÃO

«Sobre o homem que fez cópias do sutra para salvar uma raposa»,  
in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão* 483

«Sobre o homem que abdicou da vida mundana ao comover-se com o local  
em que a fêmea de pato selvagem estava vendo o macho morto»,  
in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão* 486

Ono no KOMACHI  
[A noite mergulha], [Triste a pescadora que]  
e [Aqui sobre o mundo],  
in *O Japão no Feminino* 488

Zeami MOTOKIYO  
«O Manto de Penas», in *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês* 489

Izumi SHIKIBU  
[Deitada e sozinha], [O vento penetra] e [Ao lembrar-me de ti...],  
in *O Japão no Feminino* 498

Murasaki SHIKIBU  
«O conto de Yūgao — Conto de Verão», in *Genji Monogatari* 499

Sei SHŌNAGON  
«Notas do travesseiro», in *O Bon-Odori em Tokushima* 503

(9) TRADIÇÕES DA ÁSIA CENTRAL

- «Buč, buč, canta o sāmürgük»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 507
- «Canção de Tölös»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 508
- «Canção dos Qidan»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 509
- «Falar ouvi»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 510
- O Livro Tibetano dos Mortos* 511
- «Tornei-me o vosso Rei»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 513
- «Veio ter comigo um Uigur, pagão»,  
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 514

(10) TRADIÇÕES FUNDACIONAIS DO PACÍFICO

- «A criação»,  
in *Paki Waitara: Myths and Legends of the Maori* 517
- «A lenda de Sina e da sua enguia»,  
in *The Myths, Legends and Customs of Old Samoa* 520
- «O segredo do fogo descoberto e perdido»,  
in *Myths and Legends of the Australian Aboriginals* 523

(11) SUDESTE ASIÁTICO

- «O Trágulo vitorioso: o duelo»,  
in *Anthology of ASEAN Literatures* 527
- Nguyễn TRÁI  
[Sinto-me tão só ao trautear esta canção.]  
e «Ancoragem nocturna em porto marítimo»,  
in *The Heritage of Vietnamese Poetry* 529

(12) TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS: ÁFRICA

- A Epopeia do Kajor* 533
- «Sundjata»,  
in *Les épopées d'Afrique noire* 539

## (13) TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS: AMÉRICAS

IANOMAMI	
«A Lua», in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	555
IROQUOIS	
«O Conselho da Grande Paz: A Grande Lei Vinculativa, Gayanashagowa», in <i>The Constitution of the Five Nations</i>	556
MAIA-QUICHÉ	
<i>Popol Vub: O esplendor da palavra antiga dos Maias — Quiché de Quaubtlemallan: aurora sangrenta, história e mito</i>	558
MARUBO	
«Kaná kawã: Raptada pelo Raio», in <i>Quando a terra deixou de falar: cantos da Mitologia Marubo</i>	570
MBYÁ-GUARANI	
«Ayvu Rapyta — A fonte da fala», in <i>Roça Barroca</i>	583
NAVAJO	
«Via da noite», in <i>Four Masterworks of American Indian Literature</i>	586
TLALTECATZIN de Cuauhchinanco	
«Canção de Tlaltecatzin», in <i>Fifteen Poets of the Aztec World</i>	591
ZUNI	
«O coioete rouba o Sol e a Lua», in <i>American Indian Myths and Legends</i>	594

## A IDADE MODERNA (1500-1800)

### (1) LEVANTE E CÁUCASO

«A carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato siríaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seu primeiro contacto com a hierarquia cristã local», in <i>Revista da Universidade de Coimbra</i>	601
Evliya ÇELEBI	
«Secção V: Sobre o perímetro de Constantinopla», in <i>Narrative of Travels in Europe, Asia, and Africa in the Seventeenth Century</i>	606
SAYAT-NOVA	
«Eu, rouxinol no exílio», in <i>La poésie Arménienne du Vè siècle à nos jours</i>	609

## (2) ÍNDIA

- Goswami TULSĪDĀS  
«Colecção dos dísticos», in *Kavitavali* 613

## (3) ÁFRICA

- Epopéia de Askia Mohammed* 617

- Nzinga MBEMBA (Afonso do Congo)  
«Carta de D. Afonso a D. Manuel denunciando a cobiça do Governador e Capitão da Ilha de S. Tomé Fernão de Melo (5 de Outubro de 1514)», in *As Cartas do «Rei» do Congo D. Afonso* 620

## (4) EXTREMO ORIENTE

### A LITERATURA CHINESA DAS DINASTIAS MING E QING (1366-1912)

- CAO XUEQIN  
«Capítulo II», in *O Sonho do Pavilhão Vermelho* 629

- HSÜ-CHÊN CH'ING  
«Fantasia da Primavera», in *Oito Elegias Chinesas* 632

- UANG-IANG-MING (ou WANG YANGMING)  
«Á noite, no Pêgo-Dragão», in *Oito Elegias Chinesas* 633

- UANG LING-HSIANG  
«Sobre o Terraço», in *Oito Elegias Chinesas* 634

- WU LI (ou WU YUSHAN)  
«Impossível a viagem para o Ocidente», in *Quinhentos Poemas Chineses* 635  
«Para S. Inácio de Loyola», in *Quinhentos Poemas Chineses* 636

- ZHANG RULIN  
«Macau festivamente límpido», in *Quinhentos Poemas Chineses* 637

### JAPÃO: UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE DUAS ERAS

- Matsuo BASHŌ  
[Um templo, um tanque musgoso], in *Relance da Alma Japonesa* 641  
Quatro *haiku*, in *Haikai: antologia e história* 642  
Vinte e nove *haiku*,  
in *Ao Encontro da Natureza Através da Poesia Haiku de Matsuo Bashō* 643

- Yosa BUSON  
Dez *haiku*, in *Haikai: antologia e história* 647

CHIYO-NI (ou Chiyoyo)	
«A trepadeira trepou», in <i>Relance da Alma Japonesa</i>	649
Cinco <i>haiku</i> , in <i>O Japão no Feminino</i>	650

## (5) POLIFONIAS DO NOVO MUNDO: AS AMÉRICAS

### AMÉRICA DO SUL

Inca GARCILASO DE LA VEGA	
«De fábulas históricas da origem dos Incas», in <i>Comentarios reales de los Incas</i>	655
KRENAK	
«O tempo que Deus andava no mundo», in <i>Conbé Panda Ríthioc Krenak</i>	658
MAXAKALI	
«As crianças cegas», in <i>Penãbã</i>	660
PICHUVY CINTA LARGA	
«Ngurá» e «Os animais», in <i>Materé ma Kwé tñhim</i>	662
TUPARI	
«A origem da mandioca», in <i>Do açaí cada fruto uma história: narrativas dos povos indígenas de Rondônia e noroeste do Mato Grosso</i>	674
XACRIABÁ	
«Ladainha», in <i>Para seu trono lilar</i>	677

### MESO-AMÉRICA E AMÉRICA DO NORTE

<i>Canção de Trabalho de Escravos Negros das Ilhas Barbados</i>	683
«Os últimos dias do Cerco de Tenochitlan», in <i>Visión de los vencidos</i>	684
Olaudah EQUIANO	
«Capítulo 2», in <i>The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African</i>	686
Benjamin FRANKLIN	
<i>Autobiografia</i>	688
Juan RUIZ DE ALARCÓN Y MENDOZA	
«A verdade suspeitosa», in <i>Parte segunda de las comedias del licenciado don Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza</i>	692
SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ	
«O sonho», in <i>Segundo Volume das Obras de Sor Juana Inés de la Cruz</i>	699
Phillis WHEATLEY	
«Para S.M. Um jovem pintor africano, ao ver as suas obras», in <i>The Collected Works of Phillis Wheatley</i>	702

John WINTHROP «Um modelo de caridade cristã», in <i>Collections of The Massachusetts Historical Society</i>	704
---	-----

## A REVOLUÇÃO DO SÉCULO XIX

### (1) REALIDADE E DESASSOSSEGO

«O Rei Naga», in <i>Phya Khankhaak: The Toad King</i>	711
Emily DICKINSON «Poema 1619», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	714
Ralph Waldo EMERSON «Pessoal», in <i>The Complete Essays and Other Writings of Ralph Waldo Emerson</i>	715
Nathaniel HAWTHORNE <i>A Letra Escarlate</i>	719
Washington IRVING «O palácio do Alhambra», in <i>Contos do Alhambra</i>	722
Kobayashi ISSA Quatro <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	727
Henry JAMES <i>Os Embaixadores</i>	728
Mark TWAIN «Capítulo I», in <i>As Aventuras de Huckleberry Finn</i>	730

### (2) LITERATURA E CONDIÇÃO HUMANA

Emily DICKINSON «Poema 1017», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	735
Kobayashi ISSA Quatro <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	736
MUYAKA «Sobre a desilusão», in <i>Muyaka: 19th Century Swahili Popular Poetry</i>	737
Amado NERVO <i>O Doador de Almas</i>	739
Masaoka SHIKI Um <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	743

John Greenleaf WHITTIER  
«O menino descalço», in *The Complete Poetical Works of John Greenleaf Whittier* 744

### (3) EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E RESISTÊNCIA

Frederick DOUGLASS  
*Memórias de um Escravo Americano* 749

James FENIMORE COOPER  
*O Último dos Moicanos* 751

Harriet JACOBS  
«Capítulo XVII — A Fuga», in *Incidentes na Vida de uma Escrava* 756

José MARTÍ  
*Nossa América* 759

Domingo Faustino SARMIENTO  
*Facundo: civilização e barbárie na pampa Argentina* 763

Harriet Beecher STOWE  
*A Cabana do Pai Tomás* 767

Henry David THOREAU  
*A Desobediência Civil* 770

### (4) A EMANCIPAÇÃO LITERÁRIA DA MULHER

Kate CHOPIN  
«Um par de meias de seda», in *Meias de Seda* 777

Emily DICKINSON  
«Poema 536», in *The Poems of Emily Dickinson* 782

Charlotte Perkins GILMAN  
«O papel de parede amarelo», in *The Yellow Wall-Paper, Herland, and Selected Writings* 783

### (5) A LITERATURA COMO ARTE

Emily DICKINSON  
«Carta a senhor Higginson», in *The Letters of Emily Dickinson* 789

Mirza GHALIB  
[A rosa com suas fragrantas pétalas],  
in *Ghalib interpretations: translation of Ghalib's selected verse* 791

Kobayashi ISSA Três <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	792
Herman MELVILLE <i>Bartleby</i>	793
Edgar Allan POE «O retrato oval», in <i>Poetry and Tales</i>	797
Masaoka SHIKI Dois <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	800
Walt WHITMAN «Perfumados prados do meu peito», in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	801

#### (6) AFECTOS E EMOÇÕES

Emily DICKINSON «Poema 1336», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	805
Jibrân Khalîl JIBRÂN [cala-te, meu coração! o espaço é surdo], in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	806
RAMA II «Inao», in <i>Anthology of ASEAN Literatures</i>	807
Ahmad SHAWQI [confundiram-na ao chamar-lhe bela], in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	810
SUNTHORN PHU «Nirat Phra Bat», in <i>Sunthorn Phu: An Anthology</i>	811

#### (7) CONFLITOS

«Eu, rico Koča do Khan», in <i>Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos</i>	815
«Shaka», in <i>Izibongo: Zulu Praise-poems</i>	816
Rubén DARÍO «O triunfo de Calibã», in <i>Revista Iberoamericana</i>	817
Abdul Abdullah KADIR (ou Munshi Abdullah) <i>As Histórias de Abdullah</i>	821

José MÁRMOL  
«Capítulo II — A primeira cura», in *Amalia* 822

(8) HUMOR, SÁTIRA E IRONIA

Ruben DARÍO  
«O sátiro surdo — conto grego», in *Curiosidades Literárias e Outros Contos* 831

Nguyen KHUYEN  
«A uma estátua», in *The Heritage of Vietnamese Poetry* 835

Notas críticas 837

(3)  
A LITERATURA BIZANTINA

*Rui Carlos Fonseca*



A literatura bizantina grega ocupa cerca de doze séculos e contém um *corpus* muito vasto de textos e uma grande diversidade de géneros. Distingue-se não tanto pela sua originalidade, mas pela imitação de modelos, adoptando e adaptando à época medieval *topoi* literários recorrentes entre os antigos. Os autores bizantinos valorizam a literatura clássica da Antiguidade grega, da qual são herdeiros e revitalizadores, e empenham-se em preservar essa tradição. Quanto à literatura de ficção produzida pelos bizantinos, destacam-se os géneros da poesia, do romance e da historiografia.

O epigrama 261 é da autoria de Agátias, um escritor do século VI originário da Ásia Menor, que desenvolveu actividade em Constantinopla, onde ficou conhecido como Agátias Escolástico. Compôs uma obra de poemas eróticos, *Daphniaca*, hoje perdida; uma obra historiográfica, *Histórias*, na qual relata acontecimentos ocorridos entre os anos 552 e 559, durante o reinado de Justiniano; e reuniu epigramas de temática amorosa, de amigos seus e de sua própria autoria, na colectânea *Ciclo*, transmitida no livro V da *Antologia Grega* (epigramas 216-302).

*Digenis Akritis* é um poema épico anónimo de inícios do século XII, organizado em oito cantos e composto em verso de 15 sílabas, o chamado verso político. Considerado um dos principais precursores do romance bizantino, tem sido classificado como epopeia-romance e proto-romance. O poema conta a história de Digenis Akritis, literalmente o Herói Fronteiro de Dupla Origem, filho de um emir sírio e de uma jovem cristã, filha de um general bizantino. Os três primeiros cantos contam a história de amor dos pais de Digenis, e os restantes cantos, a história do herói, do nascimento à morte. O excerto seleccionado do canto VI celebra, na primeira pessoa, os feitos prodigiosos realizados por Digenis para salvar a sua jovem amada, nomeadamente, a luta contra o dragão de três cabeças e depois a luta contra o temível leão.

*Hismine e Hismínias* de Eustácio (ou Eumácio) Macrembólites é o único dos romances eruditos do século XII composto em prosa e a fazer uso da

primeira pessoa. O trecho escolhido pertence ao livro XI, onde o par protagonista faz a recapitulação de todas as aventuras por que passou até ao reencontro final e o regresso a casa. Neste resumo da acção, nota-se o emprego de muitos dos *topoi* convencionais usados pelos autores helenísticos: a écfrase, o poder tirânico de Eros, o sonho, a fuga, a tempestade, a falsa morte, os piratas e a escravidão.

*Drosila e Cáricles* pertence ao mesmo grupo de romances eruditos do século XII. A obra, escrita em verso, está organizada em nove livros e é da autoria de Nicetas Eugeniano, um poeta da corte dos Comnenos, contemporâneo mais novo de Teodoro Pródromo, o responsável por recuperar o género do romance entre os bizantinos. Eugeniano é influenciado sobretudo por Pródromo e por Longo. No início do livro IV, conta-se a viagem por mar dos dois enamorados, o ataque de um bando de piratas, a batalha naval, a fuga por entre as montanhas, a chegada a uma cidade e a posterior captura pelos partos.

*Beltandro e Crisantza* é um romance cavaleiresco anónimo do século XIV, da época dos Paleólogos, escrito em vernáculo, em 1348 versos políticos. Os excertos apresentados incluem o retrato excepcional do herói e o exílio do reino paterno (vv. 25-40); o seu canto de lamento a tanger a cítara (vv. 122-123); as errâncias por terras estrangeiras, a emboscada de um grupo de bandidos da qual sai vencedor, e a descoberta do riacho chamejante, que o conduz ao esplendoroso Castelo de Eros (vv. 215-261).

A historiografia é um dos géneros mais importantes cultivados entre os bizantinos. Não tem apenas o objectivo de registar acontecimentos históricos, mas também, e sobretudo, o de contar boas histórias. Caracteriza-se mais pela imitação de modelos, pela manipulação competente dos recursos retóricos e literários e pelo seu carácter encomiástico do que propriamente pela autenticidade dos factos.

Entre os mais célebres historiadores bizantinos destaca-se Ana Comnena (século XII), que escreveu a *Alexíada*, onde, num estilo épico e num discurso erudito repleto de alusões aos clássicos, conta os feitos bélicos e políticos do seu pai, o imperador Aleixo I. É uma mulher das letras e das ciências, conhecedora das obras dos antigos e dos intelectuais da sua própria época. Os excertos seleccionados incluem o início do proémio sobre a acção corrosiva do tempo, a função protectora da história e a imparcialidade do historiador; uma parte do livro II onde se relata a aclamação de Aleixo I como imperador pelo próprio exército e a profecia do misterioso ancião; e uma parte do livro III onde se descreve o retrato físico dos pais da autora, Aleixo e Irene.

Ducas, historiador do século XV, escreveu a sua *História* sob o reinado do último imperador bizantino, Constantino XI Paleólogo, relatando aconteci-

mentos ocorridos entre 1341 e 1462. A obra constitui, por isso, uma fonte de especial relevância para se conhecer os últimos tempos do império. No trecho traduzido, descreve-se o dia fatídico da invasão dos turcos e da queda de Constantinopla, em 1453. Ducas escreve num estilo simples, muito menos refinado do que o de Ana Comnena, mas, como se nota no excerto escolhido, recorre a expedientes comuns da escrita de ficção, como as profecias e as citações da literatura bíblica, tão cara entre os bizantinos.



«Beltandro e Crisantza», in *Romanzi Cavallereschi Bizantini: Callimaco e Crisorroe, Beltandro e Crisanza, Storia di Achille, Florio e Plaziafiore, Storia di Apollonio di Tiro, Favola consolatoria sulla Cattiva e la Buona Sorte*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1995. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. vv. 25-40, 122-133, 215-261.

---

Havia um poderoso monarca, o imperador Rodófilo  
 (o nome era grego), senhor de inúmeras terras.  
 Detinha um poder absoluto como soberano natural  
 e dominava os senhores das terras em redor.  
 Tinha dois filhos muito belos e muito amados.  
 O primeiro, todos o chamavam Filarmo.  
 Beltandro era o nome do segundo, na língua grega:  
 era um caçador extraordinário e um hábil arqueiro,  
 magnificamente belo, bem constituído e corajoso,  
 louro, de cabelos encaracolados, lindos olhos e atraente;  
 o seu peito era branco como o gélido mármore.  
 Os dois eram iguais no afecto e na formosura.  
 Mas quando — ó loucura da sorte e do miserável destino! —  
 começou a ser maltratado e desprezado pelo pai,  
 Beltandro decidiu então abandonar a terra pátria,  
 partir para longe, para onde o levasse a Fortuna.

Beltandro encontrou um local agradável,  
 desmontou e acampou com os seus escudeiros.  
 Estava uma noite de lua cheia, uma noite aprazível,  
 e uma fonte irrigava o verde prado.  
 Aí montou a tenda sozinho e tomou assento.  
 Recostando-se, pegou na cítara e pôs-se a tangê-la  
 e a entoar um triste canto assaz lamentoso:  
*Montes, planícies e montanhas, vales e florestas,*  
*acompanhai-me no meu pranto, eu desventurado!,*  
*por um ódio imenso e uma reprovação não pequena,*  
*hoje, da minha pátria e da minha mui ilustre fama*  
*me vejo apartado, eu infeliz! Oh, que caso estranho!*

Então continuou o seu caminho por terras estrangeiras,  
atravessou muitos países, províncias e castelos.  
Não lhe agradou nenhum lugar onde quisesse permanecer.  
Deambulou pelas partes da Anatólia e da Turquia,  
andou errante à procura de lugares e castelos.  
Chegou a um desfiladeiro, à passagem de Turcovuno,  
controlada por bandidos extremamente ousados.  
Quando os bandidos o viram e se aperceberam de que  
estava armado, era belo, vestia roupas magníficas  
e que era acompanhado apenas de três escudeiros,  
disseram: «Deixemos que entre no desfiladeiro,  
e quando já tiver avançado bem no seu interior,  
não poderá escapar, cairá nas nossas mãos, sem o querer.»  
Deixaram-no então entrar, andar, aproximar-se,  
e tendo avançado um pouco, caíram direitos sobre ele.  
Mas contra o grande e numeroso grupo de bandidos  
ergueu a sua maça — não digo mentira nenhuma —  
e todos eles, derrotados, caíram por terra.  
Ora os quatro atingiram as fronteiras da Turquia,  
juntos entraram nas proximidades da Arménia  
e com eles Beltandro chegou ao castelo de Tarso.  
Enquanto andava por ali com os seus escudeiros,  
encontrou um riacho, e no meio das águas  
dirias que corria lá dentro uma estrela do céu,  
submersa, acompanhando o curso da água.  
Beltandro avança e segue rio acima,  
pois desejava encontrar a nascente do rio  
e saber de onde provinha a chama dentro de água.  
Viajou durante dez dias inteiros  
até que encontrou um castelo, de aspecto grandioso,  
maravilhosamente construído em sardónica esculpida.  
No cimo dessa construção assaz esplendorosa,  
erguiam-se em conjunto, como se fossem torres,  
cabeças de leões e de dragões de ouro variegado.  
Um artista construía-as com muito engenho.  
Se as observasses, verias como das suas bocas  
saía um silvo aterrorizante e feroz;  
dirias que se moviam, como se estivessem vivas,  
que falavam e conversavam umas com as outras.

Era desse local que provinha o rio chamejante.  
Beltandro, aí chegado, dirigiu-se aos portões do castelo;  
encontrou um portão brilhante feito de diamante.  
Ao centro, havia uma inscrição gravada,  
as palavras aí esculpidas diziam o seguinte:  
«Aquele que as setas dos Amores nunca atingiram,  
imediatamente o hão-de ferir mil vezes mil golpes,  
ao contemplar o interior do Castelo de Eros.»

«Canto VI», in *Digenis Akritis. The Grottaferrata and Escorial Versions*.  
 Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1998. Cambridge: Cambridge  
 University Press. vv. I-II4.

---

Este sexto canto de muitos feitos corajosos  
 celebra as acções admiráveis de Digenis Akritis,  
 tal como ele próprio contou aos seus amigos.  
 «Se alguém quisesse eleger um rei dos meses,  
 Maio reinaria sobre todos os meses:  
 ele é o ornamento mais encantador da terra inteira,  
 o olho de todas as plantas e o esplendor das flores,  
 o que ilumina o rubor dos prados e a sua beleza,  
 inspira admiravelmente as paixões, impele Afrodite;  
 é ele que dispõe a terra a imitar o céu,  
 adornando-a com flores, rosas e narcisos.  
 Neste mês maravilhoso e por demais agradável,  
 quis ir passear com a minha querida amada,  
 a graciosa filha do general Ducas.  
 Quando chegámos a um prado maravilhoso,  
 foi aí que montei a tenda e o nosso leito,  
 dispondo à sua volta todo o tipo de plantas.  
 Cresciam cálamos que se erguiam em direcção ao céu,  
 água fresca jorrava no meio do prado  
 e atravessava toda a extensão daquela terra.  
 Viviam no bosque muitas espécies de aves,  
 pavões mansos e papagaios e cisnes:  
 os papagaios cantavam pousados nos ramos,  
 os cisnes procuravam alimento na água,  
 os pavões, exibindo as asas por entre as flores,  
 reflectiam a cor das flores nas suas asas,  
 e as restantes aves com as suas asas em liberdade  
 divertiam-se pousadas nos ramos das árvores.  
 Mas a beleza radiante da nobre dama  
 resplandecia mais do que o pavão e todas as plantas:

pois o seu rosto imitava a cor do narciso,  
as faces floriam como uma rosa a despontar,  
os lábios mostravam uma rosa recém-florida  
quando a flor começa a despontar do seu botão,  
as madeixas do cabelo caindo sobre as sobrancelhas  
emanavam encantadores raios dourados;  
de tudo isto resultava um prazer indescritível.  
À volta do leito, fumegavam aromas de todo o tipo,  
almíscar, nardo e âmbar, cânfora e cássia.  
Havia um enorme prazer e uma fragrância de alegria,  
tão grande era o encanto que tinha o jardim.  
À hora do meio-dia, deixei-me dormir,  
estava a nobre dama a aspergir-me com água de rosas,  
os rouxinóis e outras aves a cantar.  
Como estava com sede, a jovem dama foi até à fonte,  
e enquanto se alegrava aí a molhar os pés  
um dragão, tendo assumido a forma de um belo rapaz,  
veio até junto dela, com a intenção de a seduzir.  
Mas ela, de modo nenhum ignorante de quem ele era, disse:  
'Desiste do teu propósito, dragão. Eu não me deixo enganar.  
O meu amado esteve de vigília e foi deitar-se ainda agora  
(pois dizia para si própria: Este é um dragão,  
nunca antes tinha visto tamanha figura como esta!),  
se ele acorda e te encontra, vai matar-te.'  
Mas o dragão, num ímpeto desavergonhado, tentava violentá-la,  
e logo a jovem emitiu um grito, chamando o meu nome:  
'Acorda, senhor meu, e vem defender a tua querida amada.'  
Tendo o seu grito ressoado no meu coração,  
levantei-me de imediato e vi o agressor  
(pois a fonte estava à minha frente, como de propósito).  
Desembainhei a espada e achei-me junto da fonte,  
pois os meus pés correram velozes como asas.  
Quando o alcancei, transformou-se numa figura assombrosa,  
gigantesca, terrível e aterrorizante para os mortais:  
tinha três cabeças enormes, completamente imersas em fogo,  
de cada uma delas cuspiam chamas flamejantes,  
ao mover-se do seu lugar, produzia o som do trovão,  
de modo que a terra e todas as árvores pareciam estremecer.  
Engrossando o corpo, as cabeças movimentando como uma só,

adelgaçando-se na parte de trás com uma cauda afiada,  
 contraindo-se uma vez, estendendo-se novamente,  
 assim preparava toda a sua investida contra mim.  
 Eu, porém, nada impressionado com este espectáculo,  
 ergui a espada bem no alto com toda a minha força,  
 baixei-a sobre as cabeças deste monstro terrível  
 e cortei-as todas de um só golpe. O dragão caiu por terra  
 com a cauda a estrebuchar nos seus últimos instantes.  
 Depois de ter limpado a espada e de a ter guardado na bainha,  
 convoquei os meus homens, que se achavam longe,  
 e ordenei-lhes que levassem o dragão de imediato.  
 Cumprida esta tarefa com toda a rapidez,  
 os homens voltaram depressa para as suas tendas,  
 e eu fui novamente para o meu leito para voltar a dormir,  
 porque o doce sono com que me deleitava caía outra vez sobre mim,  
 não me tendo ainda saciado dele, quando fui acordado da primeira vez.  
 A jovem dama, impelida por um riso desmedido  
 ao lembrar-se das metamorfoses do dragão  
 e da súbita morte daquele monstro gigantesco,  
 afastou-se para junto de uma árvore, para não me acordar  
 e para se recompor um pouco do medo que sentira.  
 E eis que um temível leão saiu do bosque  
 e também ele se lançou ameaçador contra a dama.  
 Ela soltou um grito de socorro, chamando por mim.  
 Tendo-a escutado, rapidamente me levantei da cama  
 e quando vi o leão irrompi contra ele sem perder tempo,  
 ataquei-o de imediato com o meu bastão,  
 bati-lhe na cabeça — morreu nesse mesmo instante.  
 Quando o leão foi levado para longe, tal como o dragão,  
 a minha amada jurou pela sua própria vida, dizendo:  
 ‘Escuta-me, senhor meu, se me quiseres alegrar,  
 pega na tua cítara e fica a tanger um pouco,  
 distrai o meu espírito do terror daquela fera.’  
 E como não me era possível desobedecer à dama,  
 comecei logo a tanger a cítara, e ela começou a cantar:  
*Agradeço a Eros por me ter dado uma doce paixão,  
 alegro-me de ser rainha, por ninguém amedrontada.  
 Ele é um lírio florescente, uma maçã perfumada,  
 e, como uma rosa fragrante, encanta o meu coração.*

Enquanto a dama se referia à rosa no seu canto,  
eu julgava que ela tinha uma rosa entre os seus lábios,  
pois pareciam verdadeiramente uma rosa recém-florida.  
A música da cítara e a voz da jovem dama  
produziam um som encantador que as montanhas ecoavam,  
de forma que quem estivesse longe poderia ouvir a melodia.»

Ana COMNENA. «Alexíada», in *Annae Comnenae Porphyrogenitae Alexias*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1884. Lípsia: Teubneri. 3-5; 77-80; 99-102.

---

## PROÉMIO

1. O tempo, no seu fluir constante e ininterrupto, arrasta e leva consigo todas as criações desde a sua origem e mergulha-as nas profundezas da escuridão onde tanto há acções não dignas de menção como acções importantes e dignas de memória, e assim, como diz a tragédia, traz para a luz o que está oculto e faz desaparecer o que é visível. Mas precisamente a ciência da história é a mais firme protecção contra o fluxo do tempo e interrompe, de algum modo, o seu curso ininterrupto e tudo o que acontece nele, de quanto se conseguiu apoderar, ela reúne, conserva e não permite que deslize para as profundezas do esquecimento. Reconhecendo isto, eu, Ana, filha dos imperadores Aleixo e Irene, nascida e criada na Púrpura, não ignorante das letras, mas tendo-me dedicado ao mais alto grau de estudo do Grego, não inexperienced na Retórica, leitora assídua das obras de Aristóteles e dos diálogos de Platão, tendo exercitado a mente nas ciências do *quadrivium* (mas é necessário deixar estes comentários de parte, pois não se trata de fazer aqui uma ostentação de quanto a minha natureza e o meu zelo pelo saber me deram, ou de quanto Deus me outorgou das alturas e o tempo contribuiu), pretendo contar nesta obra os feitos do meu pai, indignos de serem abandonados ao silêncio e de serem arrastados pelo fluxo do tempo como para um mar de esquecimento, tanto os feitos que executou detendo o ceptro do poder, como os que realizou antes de ter recebido o diadema, enquanto esteve ao serviço de outros imperadores.

2. Contarei esses feitos não para ostentar a minha habilidade na escrita, mas para que acontecimentos tão importantes não fiquem sem testemunhas nas futuras gerações, visto que também a mais grandiosa das acções, se acaso não é preservada por escrito e transmitida pela memória, acaba por se extinguir na escuridão do silêncio. A verdade é que o meu pai, como os próprios

factos demonstraram, soube comandar e obedecer, quando necessário, aos governantes. Mas agora que decidi narrar os acontecimentos da sua vida, receio as suspeitas e as insinuações, isto é, que alguém possa julgar que, ao narrar a história de meu pai, faço um panegírico de mim mesma, e que os factos históricos pareçam uma total falsidade e um encómio aberto, se vier a admirar alguma das suas acções. E se porventura ele próprio me obriga ou se o assunto me força a repreender algumas das suas acções, não por causa dele mas pela natureza dos próprios acontecimentos, receio também que aqueles que gostam de escarnecer possam citar-me o filho de Noé, Cam, todos eles lançando olhares de inveja sobre toda a gente, sem verem o que é correcto por causa da sua cobiça e da sua maldade, eles que censuram quem não é censurável, como diz Homero. Pois quando alguém assume o carácter de historiador, forçoso é que esqueça simpatias e ódios pessoais, que celebre muitas vezes os inimigos com grandiosos louvores, sempre que as acções assim o exijam, e que acuse muitas vezes os familiares mais próximos, sempre que os erros das suas condutas a isso obriguem. Por isso, o historiador não deve hesitar nem em repreender os amigos, nem em louvar os inimigos. Eu, a uns e a outros, aos que são atacados por nós e aos que nos aprovam, espero poder tranquilizá-los em virtude dos próprios acontecimentos e daqueles que presenciaram os factos, pois invoco como testemunhas tanto as pessoas como os acontecimentos. A verdade é que os pais e os avós de alguns dos homens que ainda hoje vivem assistiram a esses eventos.

## LIVRO II

7. Estavam todos expectantes e ansiosos quanto ao que estava para acontecer, desejando verem proclamado imperador aquele que esperavam. A maioria rezava para que o poder fosse atribuído a Aleixo, mas os apoiantes de Isaac não descansavam, fazendo os possíveis para conseguirem os votos de todos. A situação era inconciliável, segundo parecia, pois uma parte desejava este, outra parte desejava aquele para ser o timoneiro do império. Estavam presentes nesse dia os familiares mais próximos de Aleixo: o já acima mencionado César João Ducas, não só bom conselheiro como também hábil a agir (que eu cheguei a ver uma vez por breves instantes); os seus netos Miguel e João; e ainda o marido da irmã deles, Jorge Paleólogo — eram estes que lá estavam, combinando esforços para persuadirem as opiniões de toda a gente na escolha que lhes era desejável, mexendo todos os cordelinhos, como se costuma dizer, usando habilmente todos os seus recursos para que

Aleixo fosse proclamado imperador. Por conseguinte, iam convertendo as opiniões da multidão naquilo que lhes interessava, e daí resultou que os partidários de Isaac começaram a diminuir. Pois onde quer que o César João estivesse, ninguém era capaz de se lhe opor: na verdade, ele era imbatível pela perspicácia do seu intelecto, pela sua estatura superior e pela aparência própria de um soberano. O que é que os Ducas não faziam? Que coisas não diziam? Que favores não prometiam aos chefes e ao corpo do exército, se Aleixo subisse ao trono imperial? Diziam: «Ele vos dará como recompensa magníficos presentes e honrarias, como convém a cada um, não de forma aleatória, conforme o fazem os ignorantes e os inexperientes dentre os chefes, porque há já um longo tempo que se comporta como vosso comandante militar e o grande doméstico do Ocidente. Ele partilha do vosso sal comum, lutando valorosamente ao vosso lado em emboscadas e em combates cerrados, sem poupar nem o corpo, nem os membros, nem a própria vida pela vossa salvação, tendo já por várias vezes atravessado montes e planícies convosco, conhecendo as amarguras da guerra. Conhece-vos muito bem a todos, tanto em conjunto como cada um individualmente, tem o deus Ares por amigo e, acima de tudo, anseia por guerreiros valorosos.» Era isto que diziam os Ducas. Aleixo, porém, tratava Isaac com grande respeito, dando-lhe precedência em todas as ocasiões, quer por causa dos laços afectivos de irmãos, quer, melhor ainda, é preciso dizê-lo, porque o exército inteiro convergia para o lado de Aleixo, defendia com veemência a sua ascensão ao trono imperial e não apoiava de modo algum o partido de Isaac. Tendo por isso o poder e a força e vendo que as circunstâncias favoreciam as suas esperanças, Aleixo encorajava o irmão, fingindo apoiar as suas pretensões ao trono, sem com isso correr qualquer risco insensato. Posto que o exército inteiro o faria ascender aos mais altos cargos, poderia adular o irmão com palavras e fingir que lhe cedia o poder.

Ora, passado algum tempo desse modo, um dia todos os soldados do exército se reuniram em volta da tenda, expectantes, cada um deles rezando para que os seus desejos fossem cumpridos. Isaac levantou-se e, pegando nas sandálias de cor púrpura, tentava calçá-las no irmão. Como este recusava reiteradamente, Isaac pediu: «Deixa-me fazê-lo. É através de ti que Deus pretende chamar a nossa família ao poder.» Relembrou-lhe também da profecia que outrora lhe havia feito um homem que lhes aparecera algures nas imediações de Carpiano, quando os dois irmãos regressavam a casa, vindos do palácio. Aí chegados, veio ao encontro deles um certo homem, talvez fosse um ser superior, ou melhor, para falar com verdade, o mais clarividente dos homens a prever o futuro. De aspecto, aquele que se aproxima-

va parecia um sacerdote: a cabeça descoberta, os cabelos grisalhos, a barba comprida. Agarrou-se à perna de Aleixo e, como ia a pé e Aleixo a cavalo, puxou-o para si e recitou-lhe ao ouvido este versículo do salmo de David: «Sê atento, faz prosperar e governa em nome da verdade, da brandura e da justiça.» E acrescentou «Imperador Aleixo». Depois que proferiu estas palavras como se tivesse feito uma profecia, desapareceu de vista. Aleixo não o conseguiu apanhar, embora o tivesse procurado por todo o lado a ver se o avistaria em algum sítio, e o tivesse perseguido a galope, a toda a brida, a ver se o alcançaria, para que pudesse saber com precisão quem era e donde vinha. No entanto, a aparição tinha desaparecido por completo. Quando regressou das buscas, o seu irmão Isaac perguntava-lhe insistentemente sobre a aparição do homem e pedia que revelasse o que lhe havia dito em segredo. Como Isaac o interrogava com insistência, Aleixo, num primeiro momento, parecia recusar, mas depois contou-lhe a misteriosa profecia. Agora que ele próprio falava abertamente sobre o caso ao irmão, interpretava o incidente como uma ilusão, afirmando tratar-se de uma fraude, mas meditando sobre o assunto no seu íntimo comparava a aparição do venerável homem de aspecto sacerdotal ao Teólogo, o Filho do Trovão. Desta forma, quando Isaac viu cumprir-se a profecia do ancião, as palavras que dissera agora convertidas em acções, pressionou-o de forma mais enérgica, forçando-o a calçar as sandálias de vermelho-púrpura, especialmente porque viu o desejo ardente de todo o exército por Aleixo. A partir de então, os Ducas começaram a aclamação, eles que apoiavam este homem por várias razões, em particular porque a sua parente Irene, minha mãe, era a legítima esposa do meu pai. Juntamente com eles, os parentes de sangue faziam o mesmo com igual entusiasmo. O resto do exército, aceitando também a aclamação, elevava as suas vozes quase até ao próprio céu. Assistiu-se então a um fenómeno extraordinário: os que antes expressavam opiniões diferentes, preferindo a morte ao fracasso da sua vontade, num só instante passaram a concordar uns com os outros em tão firme unanimidade, que não era de todo possível alguém imaginar que alguma vez tinha havido desacordo entre eles.

### LIVRO III

3. A aparência física dos dois imperadores, Aleixo e Irene, era deveras impressionante e sem comparação. Um pintor que contemplasse este arquétipo de beleza não seria capaz de o representar, nem um escultor conseguiria esculpir a essência inanimada da pedra de forma tão harmoniosa, e até

o célebre cânone de Policlito pareceria totalmente desprovido de arte, se alguém olhasse primeiro para estes ornamentos da natureza — refiro-me aos dois recém-coroados imperadores — e depois para as obras-primas de Policlito.

Aleixo não era de uma estatura muito elevada, mas era largo de ombros e bem proporcionado. De pé, não causava tanta admiração a quem o observava, mas quando estava sentado no trono imperial, um brilho terrível emanava dos seus olhos; parecia uma tempestade fulgurante, tão irresistível o esplendor que irradiava do seu rosto e de toda a sua pessoa. As sobrancelhas pretas desenhavam um arco de cada lado; por baixo delas, os olhos lançavam um olhar ao mesmo tempo terrível e delicado, de tal modo que, do seu brilho acutilante, do esplendor do rosto, da majestade das faces, do rubor que as tingia, inspiravam medo e confiança. A largura considerável dos ombros, a robustez dos braços, a proeminência do peito — tudo características próprias de um herói — suscitavam nas pessoas total admiração e encanto. De facto, a figura deste homem irradiava beleza, graciosidade, força e uma majestade inalcançável. E se ele participasse de uma conversa e fizesse uso da sua língua, ficarias logo a conhecer a eloquência inflamada que residia nos seus lábios. Pois, com uma avassaladora capacidade de argumentação, prendia a atenção de todos os ouvintes e conquistava-lhes os corações; era inefável e invencível tanto com a língua como com a mão, uma para arremessar a lança, a outra para espalhar puros encantos.

Por outro lado, a imperatriz Irene, minha mãe, era naquela altura uma adolescente que ainda não tinha atingido os quinze anos de idade. Era filha de Andronico, o filho mais velho do César, e pertencia a uma ilustre linhagem, cujas origens ascendiam às famosas famílias dos Andronicos e dos Constantinos Ducas. Cresceu como uma planta viçosa, sempre verdejante, os membros e as partes do corpo harmoniosamente amplos e delgados, numa simetria perfeita. Era adorável de ver, adorável de ouvir, o seu aspecto e a sua voz causavam um prazer inesgotável para os olhos e os ouvidos. O próprio rosto refulgia com o brilho da lua; não era modelado num círculo perfeito como o rosto das mulheres da Assíria, nem tampouco se alongava como o das mulheres da Cítia, mas relaxava apenas um pouco da forma exacta de um círculo. Nas suas faces, estendia-se um prado florido, um jardim de rosas perceptível mesmo para quem a visse de longe. Os seus olhos azuis fitavam com um temível encanto, de modo que com o seu encanto e a sua beleza atraía para si própria as atenções dos que a admiravam, mas com o temor que inspiravam forçava-os a fecharem os olhos, por não saberem como a contemplar nem como desviar dela o olhar. Se alguma vez existiu uma deusa Atena, como

celebrada pelos poetas e pelos autores antigos, realmente não o sei, mas ouço as histórias que transmitem e divulgam o seu mito. No entanto, se alguém tivesse dito, nesses tempos de outrora, que esta imperatriz se assemelhava a Atena em forma humana ou que tinha descido do céu com toda a glória celeste e um esplendor inacessível, seguramente que não estaria muito longe da verdade. A sua qualidade mais admirável, que nenhuma outra mulher possuía, era que, com um único olhar, rebaixava os orgulhosos e enchia de coragem aqueles que haviam sido rebaixados pelo medo. Os seus lábios estavam fechados a maioria das vezes, e assim silenciosa parecia uma verdadeira estátua de beleza, um monumento vivo respirando graciosidade. As suas mãos, expostas até ao pulso, acompanhavam habitualmente a sua fala com gestos elegantes — poderias dizer que tinham sido esculpidas em marfim por um artífice na forma de dedos e de mãos. As pupilas dos seus olhos imitavam o mar sereno, brilhando com um azul de ondas profundas e tranquilas, enquanto o branco que as rodeia produzia um contraste refulgente, e assim conferia aos olhos uma graça incomparável e uma beleza indescritível. Este é o retrato físico de Irene e Aleixo.

DUCAS. «Capítulo XXXIX — *História*», in *Ducae Michaelis Ducae Nepotis Historia Byzantina*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1834. Bon: Weberi. 289-296.

---

Ora toda a gente, mulheres e homens, monges e monjas, corria para a grande igreja, maridos e mulheres carregando os seus filhos nos braços, tendo abandonado as suas casas para quem as quisesse ocupar. Podia ver-se essa avenida obstruída por uma multidão compacta. Mas por que razão todos se refugiavam na grande igreja? Desde os tempos antigos que se ouviam profecias de falsos profetas de como a cidade de Constantinopla seria capturada pelos turcos que entrariam por ela dentro à força e os romanos seriam massacrados por eles até à coluna de Constantino, *o Grande*. Depois disso, um anjo desceria do céu empunhando uma espada e entregaria o reino juntamente com essa espada a um homem desconhecido que nessa altura se acharia junto da coluna, um homem muito humilde e pobre, e o anjo lhe diria: «Toma esta espada e defende o povo do Senhor.» Então os turcos seriam postos em fuga, e os romanos iriam em sua perseguição, massacrando-os, e expulsando-os não só da cidade como também do Ocidente e das terras do Oriente até aos confins da Pérsia, para um lugar chamado Monodêndrio. Alguns, acreditando que estas profecias se iriam realizar, corriam para a grande igreja e aconselhavam outros a dirigirem-se também para lá. Esta era a ideia dos romanos, que há já muito tempo tinham em mente e que agora punham em prática, a ideia de que: «Se deixarmos a Coluna da Cruz atrás de nós, evitaremos a ira vaticinada.» Este era o motivo por que fugiam para a entrada da grande igreja. Assim, numa hora, o imenso espaço desse templo ficou repleto de homens e de mulheres, uma multidão incalculável aglomerava-se em baixo e em cima, nos pórticos e em todo o lado. Fechadas as portas, deixaram-se ficar ali na esperança de serem salvos pelo tal homem. Ó infelizes romanos! Ó miseráveis! O templo a que ainda ontem e antes de ontem chamáveis antro e altar de heréticos, nenhum dentre vós entrava lá dentro, para não ser contaminado por aqueles que lá celebravam a missa e saudavam a união da igreja, agora porém devido à ira iminente decidistes entrar como meio de salvação. Mas nem a justa ira que vos sobreveio se compadeceu dos vossos sentimentos pela paz. Até porque, numa tal situação de perigo, se um

anjo descesse do céu propondo-vos: «Se aceitardes a união e a paz da igreja, expulsarei os inimigos da cidade», decerto que nem assim teríeis concordado. E mesmo se tivésseis concordado, essa concordância seria mentira. Sabe-se que há poucos dias diziam: «É melhor cair nas mãos dos turcos do que nas mãos dos francos.»

Então os turcos, saqueando, matando e fazendo prisioneiros, chegaram à igreja ainda não era decorrida a primeira hora do dia, e tendo encontrado as portas fechadas não demoraram a deitá-las abaixo com os machados. Entraram lá dentro armados de espadas e, vendo a multidão imensa que lá havia, cada um se pôs a capturar o seu próprio prisioneiro, pois não havia lá quem se opusesse ou quem não se entregasse como uma ovelha. Quem será capaz de descrever a desgraça que lá se passou? Os prantos e os gritos das crianças, as lágrimas e os pedidos de socorro das mães, os lamentos dos pais, quem poderá descrever? Os turcos em geral escolhiam mulheres mais delicadas: um assenhoreava-se de uma rapariga bela dentre as monjas, que outro logo a seguir raptava e prendia. Assim eram os raptos e as altercações: os cabelos violentamente puxados, o peito e os seios a descoberto, os braços estendidos. Ora a serva era aprisionada juntamente com a senhora, o senhor com o escravo, o arquiandrita com o porteiro, os rapazes novos com as virgens, virgens que o sol jamais tinha visto, virgens que até o progenitor muito dificilmente tinha contemplado — eram arrastadas, empurradas à força em sentido contrário e espancadas. Pois o captor queria levar uma rapariga para um local onde a pudesse guardar em segurança e aonde pudesse voltar e assim fazer uma segunda prisioneira e uma terceira. Os captores usavam de violência, eram os vingadores de Deus. E numa hora era possível ver todos presos e atados, os homens com cordas, as mulheres com as próprias mortalhas. Também era possível ver fileiras a saírem numerosas da igreja e dos santuários da igreja, como gado e rebanhos de ovelhas, chorando, lamentando-se, sem que ninguém lhes mostrasse misericórdia. E quanto à própria igreja? Que hei-de dizer ou que palavra proferir? A língua colou-se-me à laringe. Não sou capaz de expulsar o ar da minha boca, uma vez que tenho um cutelo atravessado na garganta. Imediatamente, esses cães destruíram os ícones sagrados, depois de lhes terem tirado os adornos, as correntes, os candelabros, os revestimentos do altar sagrado, os castiçais portadores de luz; alguns destes tesouros eram destruídos, outros eram saqueados. Os objectos sumptuosos e sagrados da sacristia, feitos em ouro, em prata e noutros materiais preciosos, reuniram-nos a todos num instante, deixando assim a igreja deserta e despida, nada deixando por levar.

Então se cumpriram na nova Sião as palavras de Deus ditas por intermédio do profeta Amós: «Isto diz o Senhor Deus Pantocrator: ‘Punirei

os altares de Betel, e os chifres do altar serão partidos e cairão por terra. E esmagarei e devastarei a casa de Inverno sobre a casa de Verão, as casas de marfim serão destruídas, e muitas outras casas desaparecerão', diz o Senhor. 'As vossas festas repugnam-me, e não mais sentirei o odor dos sacrifícios nas vossas festividades. Porque se me trazeis as vossas vítimas e oferendas sacrificiais, não as aceitarei. Afasta de mim o som dos teus cânticos, não escutarei o salmo dos teus instrumentos.' E disse-me o Senhor: 'O fim chega sobre o meu povo de Israel. Não mais me apresentarei diante dele. E nesse dia, os tectos adornados do templo ressoarão de gritos', diz o Senhor. 'Escutai isto, vós que espeziniais os pobres de manhã e oprimis os mendigos sobre a terra, vós que dizeis: Quando é que o mês chegará ao fim, para fazermos negócio? e: Quando é que chagará o sábado, para abirmos os tesouros, diminuirmos a medida, aumentarmos o peso e tornarmos desonesto o braço da balança, para assim comprarmos os pobres com prata e os necessitados em troca de sandálias?' 'Nesse dia', diz o Senhor, 'o sol se porá ao meio-dia, e a terra ficará coberta de trevas em plena luz do dia. E transformarei as vossas festas em cerimónias de luto e todos os vossos cânticos em lamentos.'» Acontece que, naquele terrível dia da destruição da cidade, se celebrava e se comemorava o dia da Santa Mártir Teodósia. Na verdade, realizava-se uma festa em que participava todo o povo. Desde o entardecer, havia uma grande multidão de homens e de mulheres que fizeram vigília ao túmulo da santa durante toda a noite. Ao nascer do dia, logo pela aurora, muitas das mulheres iam com os seus maridos em procissão, levando velas e incensos, muito bem arranjadas e cheias de adornos, quando subitamente caíram nas redes dos turcos. Pois como podiam adivinhar a ira repentina na imensa largura da cidade? Só aqueles que a conhecem estão cientes da sua imponência.

Esta ameaça, a que acabámos de nos referir, começou com um incêndio, as chamas a deflagrarem da porta de Carso e da porta de São Romão e das partes do palácio. Mas a resistência dos navios e do porto não entregava a terra aos turcos nem permitia que colocassem as escadas sobre os muros da cidade. Os romanos mostravam-se superiores aos turcos, lançando-lhes com pedras e flechas até à terceira hora do dia, no momento em que apareceram e chegaram alguns dos que saqueavam desde cedo no interior da cidade, e estes, vendo que os romanos lhes davam luta no exterior, soltaram um grito bem forte e correram sobre os muros. Quando viram os turcos no interior da cidade, os romanos soltaram um grito de dor, «Ai de nós!», e tombaram dos muros, visto já não terem nem força nem vigor. Então, os que estavam nos navios invasores, ao avistarem os turcos no interior, julgaram que a cidade havia sido tomada, pelo que colocaram as escadas o mais rápido possível

para subir, saltaram os muros e deitaram as portas abaixo, e foi assim que todos eles entraram pela cidade adentro. Ora, quando o Grande Dux viu os turcos chegarem ao local onde ele próprio se achava (fazia a vigília ao portão imperial), retirou-se para a sua casa com um pequeno contingente. Na verdade, todos os romanos estavam dispersos: uns eram feitos prisioneiros antes de chegarem a casa; outros conseguiam chegar às suas casas encontrando-as porém desertas dos filhos e da mulher e dos seus bens, e antes mesmo de poderem chorar e de se lamentar eram presos com as mãos atadas atrás das costas; outros ainda chegavam às suas casas onde encontravam a mulher e os filhos já a serem levados, eram então atados e amarrados com os seus filhos queridos e com a mulher. Quanto aos mais velhos que se achavam em casa, incapazes de sair dos seus domicílios, ou por causa da doença ou por causa da velhice, eram todos, velhos e velhas, mortos sem piedade. Os bebês recém-nascidos eram atirados para o meio da rua. O Grande Dux, por sua vez, encontrou as suas filhas, os filhos e a mulher (que estava doente) encerrados na torre, impedindo a entrada dos turcos. Também ele foi capturado com aqueles que o acompanhavam. É que o tirano tinha enviado alguns soldados para o vigiarem, a ele e à sua casa. Aos turcos que se tinham apossado da casa dele e a sitiavam, deu-lhes dinheiro bastante, de modo a parecer que os libertaria mediante juramento. E assim o Grande Dux estava protegido com toda a sua família. Todos os turcos entraram na cidade, assim como os próprios apascentadores de mulas e os cozinheiros todos, carregando o saque que conseguissem transportar.

João Constantino, de quem já dissemos ter partido para o navio para tratar do golpe que lhe fora infligido, achava-se então no porto. Alguns dos seus soldados, conseguindo escapar, correram para lhe contar que os turcos tinham entrado na cidade e que o imperador estava morto. Ao ouvir esta mui terrível e cruel notícia, ordenou aos arautos que tocassem as trompetas para assim convocar os seus escudeiros e tripulantes. E os outros navios preparavam-se de modo semelhante. É que a maior parte dos navios tinha perdido os seus capitães, que haviam sido aprisionados. No porto marítimo, o espectáculo era lastimável de ver: homens e mulheres, monges e monjas lamentavam-se miseravelmente, aos gritos, batiam no peito e suplicavam aos dos navios que os acolhessem. Mas não era possível. Pois havia sido decretado outrora que beberiam a taça cheia da ira do Senhor. Mesmo se os navios quisessem, não teriam sido capazes. É que, se os navios do tirano não estivessem ocupados na pilhagem e na devastação da cidade, nem um único dentre os romanos teria conseguido escapar. Mas como tinham abandonado os seus navios, todos os turcos se achavam dentro da cidade, e assim os

latinos, aproveitando a oportunidade, saíram do porto. Então o tirano rangia os dentes, mas não era capaz de fazer nada, pelo que se resignou a contragosto.

Tendo testemunhado esta desgraça insanável, os habitantes de Gálata corriam à praia com as mulheres e os filhos perscrutando em volta onde poderiam encontrar botes ou batéis, para irem até aos navios e subirem a bordo, abandonando assim tanto as suas casas como os seus pertences. Muitos deles, porém, por causa do tumulto, deixaram cair os seus tesouros no fundo do mar e sofreram ainda outros danos terríveis.

Agátias ESCOLÁSTICO. «V, 261», in *Anthologie Grecque, Première Partie. Anthologie Palatine, Tome II (Livre V)*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1928. Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres». 115.

---

Não sou apreciador de vinho, mas se me quiseres embriagar,  
prova-o primeiro antes de mo trazeres, e eu aceito-o.  
Pois, se lhe tocares com os lábios, manter-me sóbrio já não  
será fácil, nem escapar à doce portadora do vinho:  
é que o teu beijo, a taça de vinho o transporta até mim  
e dá-me a conhecer a alegria que recebeu de ti.

Nicetas EUGENIANO. «Livro IV — Drosila e Cáricles», in *Il Romanzo Bizantino del XII Secolo: Teodoro Prodromo — Niceta Eugenio — Eustazio Macrembolita — Constantino Manasse*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1994. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. vv. 1-70.

---

«Viajávamos então no navio  
sobre o caminho onduloso do mar sereno  
até à noite do quarto dia,  
quando o rumor dos remos de uma frota de piratas  
nos chegou enquanto navegávamos e feriu  
não apenas a audição, mas também o ânimo  
dos que íamos dentro do navio de que falei.  
Assim, como a noite escurecia por toda a parte  
e o gigante portador de luz descia para debaixo da terra,  
não conseguíamos distingui-los claramente,  
mas eles, navegando numa embarcação mais veloz,  
estendendo não só as mãos mas também os pés,  
para que as trirremes avançassem mais rapidamente,  
manobravam os remos com todo o vigor,  
todos juntos batendo o dorso do mar  
com braços despidos e robustos para uma boa navegação,  
e enquanto se aproximavam do nosso navio  
desembainharam as suas espadas.  
Ora os nossos homens, como excelentes marinheiros que eram,  
embora contra tais adversários, ousados e munidos de espadas,  
formassem um grupo pouco numeroso,  
seguraram corajosamente os seus escudos  
e lutaram com os piratas armados numa batalha naval:  
matavam e eram mortos, sem recearem  
a desproporção de tão numeroso bando de piratas;  
tingiam de púrpura a água do mar  
e conseguiram resistir com sucesso até de noite.  
Mas por fim, obrigados a fazerem recuar o navio,  
uma vez que muitos deles tinham morrido na luta,  
desembarcaram em terra completamente exaustos.  
Abandonada a embarcação com toda a carga a bordo,

privado assim o navio do seu capitão,  
fugiram para as ravinas, para o meio das montanhas. Com a fuga, procuravam um meio de se salvarem.

Também eu, saído ferido da batalha,  
os seguia na companhia da donzela Drosila.  
Eu instigava, segurava e puxava a jovem,  
conduzia-a pela mão por lugares escarpados,  
até que encontrando uma densa floresta  
ficámos escondidos entre a sombra dos ramos.

Ao amanhecer do dia seguinte,  
olhando do cimo da montanha, vimos lá em baixo  
um incêndio que ia deflagrando alto.

Presumimos que tinham deitado fogo ao nosso navio:  
foram aqueles salteadores, regozijantes da pilhagem,  
depois de o terem arrastado e esvaziado de toda a carga.  
Sem quaisquer recursos, era dum lado para o outro  
que estendíamos os nossos olhos portadores de luz  
e vimos imediatamente uma altura bem fortificada,  
de forma vaga e indistinta, pois estava muito longe de nós.

Ambos nos apressámos para a cidade  
aonde chegámos já muito tarde e com dificuldade,  
andando desde a primeira luz do dia até à noite.  
Entrámos juntos na cidade, depois de termos fugido  
à crueldade dos piratas no mar,  
ainda que, tanto Cáricles como Cleandro, a cidade  
estivesse destinada a entregar-nos, aos dois, nas mãos dos partos,  
e a mim, que escapara aos perigos dos mares,  
ela estivesse para lançar noutras inevitáveis penas  
juntamente com, ó deuses!, a minha mui amada Drosila.  
De facto, quando um dia os habitantes saíram da cidade,  
também nós saímos com eles, porque se realizava  
a ilustre festa do nascimento de Zeus.

Foi então que a tribo dos partos, assaz cruel,  
surgiu não sei de onde; captura-nos  
e, levando-nos para a sua terra pátria,  
traz-nos para a prisão em que agora estamos.»

Ocupados com estes longos relatos,  
os dois rapazes sofriam um pelo outro,  
Cleandro e Cáricles em conjunto, os dois estrangeiros.

Eustácio MACREMBÓLITES. «Livro XI — Hismine e Hismínias», in *Il Romanzo Bizantino del XII Secolo: Teodoro Prodromo — Niceta Eugenio — Eustazio Macrembolita — Constantino Manasse*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1994. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. 670-680.

---

[1.1] No dia seguinte, novamente juntos no altar, com coroas de louro sobre as nossas cabeças, festejávamos a nossa liberdade, cantávamos odes de vitória, entoávamos cânticos de salvação, sacrificando hecatombes inteiras a Apolo. [1.2] A multidão numerosa que se aglomerava em volta do altar tinha os olhos postos em nós e apontava os dedos na nossa direcção. É que a nossa história, as aventuras que nós, Hismine e Hismínias, tínhamos vivido, andava na boca de todos, e Apolo era louvado pelo apoio que nos prestara.

[2.1] De novo chega a hora da refeição, o sacerdote prepara-nos outra vez um esplêndido banquete e de novo nos oferece um acolhimento de luxo. Quando a refeição chegou ao fim, o sacerdote que havia preparado o repasto procura inteirar-se novamente da nossa história, questionando-nos com muita insistência. [2.2] Por isso, embora com pudor, embora hesitante, receoso e a contragosto, decidi-me todavia a contar a história. Faltava-me a voz, tinha a língua presa, e assim começo com uma voz fraca.

[3.1] «Este é o meu pai Temisteu, e a minha mãe é Dianteia, a quem tu ofereces hospitalidade com todas as honrarias; a minha pátria é a cidade de Euricomis, onde fica o altar de Zeus Xenios e se realizam as Diásias. Designado por sorteio a desempenhar as funções de arauto, não para uma cidade qualquer, mas para Aulicomis, fui coroado de louro. [3.2] Cheguei com toda a pompa à cidade que me calhara em sorte, porque era o arauto de Zeus e das Diásias. Foi-me oferecida hospitalidade por este homem, Sóstenes, em casa dele fui recebido de modo sumptuoso e tratado com toda a estima. [3.3] Ora ele fez-me entrar no jardim: ao centro estava a mesa posta para mim, e perto do relvado tinha sido preparado o meu leito. Sóstenes ordenou à sua filha, Hismine, que servisse o vinho, e ela serviu o vinho, obedecendo a seu pai.

[4.1] Terminado o banquete, Hismine lavou-me os pés, os meus castos pés com as suas castas mãos. Deixei-me cair sobre a cama, na minha castidade,

abandonando-me ao sono de livre vontade. [4.2] Levantei-me na manhã seguinte, fui para o jardim, onde admirei as fileiras de flores e de outras belezas, e foi para o mural à volta do jardim que dirigi o olhar e, depois de apreciar algumas pinturas, pus-me a contemplar a pintura de um trono dourado: havia um jovem nu sentado no trono, armado, tinha uma tocha na mão, asas em ambos os pés e um rosto adorável. [4.3] Em deferência servil perante esse jovem estavam imperadores, dinastas e tiranos, animais selvagens e reis dentre os animais selvagens, toda a espécie de aves, toda a espécie de criaturas marinhas, e duas mulheres espantosas, de estatura acima do habitual, tinham rugas, eram velhas e decrépitas. [4.4] Uma era totalmente branca — o rosto, o cabelo, a túnica, as mãos, os pés e o resto do corpo; a outra era totalmente preta — o aspecto, as mãos, da cabeça aos pés, até às pontas das unhas. [4.5] Fiquei perturbado com as coisas que via e deduzi que essa pintura extraordinária fosse obra do engenho e da arte de um pintor. Mas por cima da cabeça do jovem havia versos iâmbicos, nos quais se lia que o rapaz aí representado, sentado no trono a governar todos com poder régio, era Eros. [4.6] Eu não só injuriei a pintura, como também, sendo casto, menosprezei a própria figura de Eros.

[5.1] Ele, porém, apareceu-me à noite enquanto eu dormia e repreendeu-me por aquilo que tinha feito durante o dia, e por fim infundiu-se-me na alma e inscreveu-me entre os seus escravos. Assim, de arauto, de virgem que eu era, me transformou completamente num rapaz enamorado. [5.2] E depois que me colocou Hismine aqui, nesta minha mão direita, evolou-se-me dos meus olhos, levando consigo o sono, a minha castidade e o meu caduceu de arauto. [5.3] Portanto, eu, o arauto, era agora um rapaz enamorado, eu, casto, tinha perdido a minha castidade. Profanando completamente Hismine com os meus olhos, a língua e os gestos, transformei-a também em Eros. [5.4] Desse modo, de Aulicomis regressei a Euricomis, totalmente subjogado ao amor por Hismine. Mas nem mesmo ela pôde escapar ao fogo, às asas e às setas de Eros, nem à minha língua a quem os Amores ensinaram a arte da persuasão.

[6.1] Amava então Hismine (se o meu amor era correspondido, ela o dirá), e fizemos promessas um ao outro de nos casarmos, uma união, aliás, que eu desejava concretizar às ocultas (verdade seja dita), mas a rapariga não mo consentiu. [6.2] Sóstenes aqui presente, pai desta jovem, anunciou à mesa, a meio de um sumptuoso banquete, um outro casamento para a sua filha, do qual procurámos fugir. Cratístenes ajudou-nos na fuga, e tendo subido

a bordo de uma nau partimos da minha Euricomis. Por sorte, soprava um vento favorável, e foi com muita alegria que fugimos.

[7.1] Mas Posídon agitou o mar, levantou ondas iguais a montanhas, bateu-se por afundar a nau, até que o timoneiro decretou que fosse sacrificada uma vítima. Fizemos um sorteio, e a sorte caiu em Hismine. Assim, ela foi lançada ao mar e de imediato trouxe a bonança ao mar. [7.2] Em seguida, vi-a de regresso à vida, não sei dizer como, juro por aquela terrível tempestade, por Posídon e a amarga servidão, por Apolo e a doce liberdade! [7.3] Eu perturbava toda a nau com os meus lamentos e inundava-a com as minhas lágrimas, tanto que o timoneiro e a tripulação inteira já não suportavam a situação. Por isso, aportaram numa praia e expulsaram-me da nau. E eu, naquela areia como num sepulcro, derramava libações de lágrimas pela rapariga.

[8.1] De súbito apareceu uma trirreme, repleta de bárbaros, homens selvagens que me atacaram cruelmente como feras, me arrastaram à bruta pelos cabelos, me levaram para a trirreme e me atiraram para os bancos dos remos. [8.2] Após uma refeição bárbara, partiram de lá, tomaram uma cidade de assalto, saquearam-na e encheram a embarcação com os despojos. [8.3] Aos rapazes mais novos, atiraram-nos para os bancos dos remos, mas aos homens mais velhos, de idade avançada, puseram-nos ao serviço das adagas e lançaram-nos depois ao mar (pois não era pequena a quantidade de homens que a mão dos bárbaros havia capturado da cidade). Quanto às mulheres, violaram-nas sem qualquer pudor ou regra; às virgens, porém, não lhes tocaram nem foram violentos com elas.

[9.1] E foi desse modo que viemos para Articomis. Os bárbaros fizeram negócios ilícitos com os cidadãos de Articomis, e assim, com excepção da mercadoria humana, todo o saque foi levado. Na verdade, as virgens que se encontravam entre nós foram vendidas a muito bom preço, não sem antes terem passado o teste na fonte de Ártemis. Mas nós, rapazes novos e mulheres, não tínhamos qualquer valor para os de Articomis. [9.2] A trirreme recebia-nos mais uma vez a bordo, e, desatadas as amarras que a prendiam, deixámos aquele porto e dirigimo-nos para um outro, onde os bárbaros, fundeando bem a trirreme com cabos, desembarcaram em terras do continente e levaram consigo as mulheres. [9.3] Ora, após um magnífico repasto de comidas e bebidas, que a trirreme tinha trazido de Articomis em abundância, os bárbaros violentaram brutalmente as mulheres e abandonaram-se ao sono, extasiados de vinho e de luxúria. [9.4] A meio do sono e dos

amores, ou melhor, do seu comportamento licencioso, apareceu o exército de Dafnepolis: atacou os bárbaros enquanto dormiam, agrupou-os, matou-os, apoderou-se dos despojos e levou-nos também como saque. [9.5] Então o exército celebrou um triunfo no centro da cidade em sua honra e nossa, e por fim, obedecendo ao oráculo, fez de nós escravos e distribuiu-nos por sorteio. E assim me via outra vez inscrito no lote dos escravos, e o jugo da escravidão me chamava para esta cidade de Dafnepolis.

[10.1] Mas eis que é chegado o momento presente, o momento da festa de Apolo e a esplêndida celebração da festa e das festividades do povo. Sortearam-se aqueles que iriam desempenhar as funções de arauto, e o meu senhor, que ontem me despedaçou a coroa da liberdade, foi enviado para Articomis como arauto. [10.2] Ele foi para a cidade que lhe calhara em sorteio, e eu segui o meu senhor na minha condição de escravo. Fomos recebidos com amizade por Sótrato, o pai de Ródope, ele que ontem tirou a coroa de Hismine. [10.3] Foi então que vi Hismine como escrava de Ródope. Fingi ser seu irmão, ela, por sua vez, desempenhou na perfeição o papel de minha irmã, e beijámo-nos à vista de Ródope. Se Ródope me amava e se tinha Hismine, minha irmã e sua escrava, a ajudá-la na sua paixão, Hismine que o diga. [10.4] Do que se passou no altar, tu sabes melhor do que nós e com mais exactidão: as lágrimas das nossas mães, as palavras compassivas dos nossos pais a nosso favor, o oráculo, a descoberta dos filhos, a coroa da liberdade, a coroação, a descoroação, aquela tua voz abençoada, a nossa coroa da liberdade, e tudo o resto que aconteceu neste grande altar da liberdade.»

[11.1] Quando terminei o meu relato, o sacerdote disse «Obrigado» e dirige os olhos para Hismine, pedindo-lhe: «Donzela Hismine, fiquei a conhecer da boca deste teu noivo as aventuras por que passou. Agora completa tu esta meia-lua, para que a história possa ficar completamente iluminada para mim.» [11.2] Ela responde-lhe: «Poupa a minha língua, por Apolo Salvador! Pois o pudor constrange a minha língua virginal, nem eu seria assim tão atrevida, a ponto de não temer o meu pai e de desprezar a minha mãe. O silêncio e a fala comedida são o ornamento das donzelas.»

[12.1] Foi isto que a rapariga lhe respondeu com recato, mas o sacerdote sempre bondoso diz-lhe: «Filha inocente, Apolo agracia-te com a liberdade e dá-te este belo rapaz Hismínias como marido. [12.2] Então não oferecerás tu a Apolo uma das tuas aventuras, para que a história possa ficar eternizada e não se desvaneça o prodígio que o poderoso Apolo realizou para vocês

de forma tão extraordinária com o seu oráculo?» [12.3] Mas ela permanecia em silêncio e apenas chorava. Então Sóstenes, olhando fixamente para ela, dirigindo-lhe um olhar severo, diz: «Não é o silêncio da língua que define a castidade, mas o decoro das acções e a decência de carácter. [12.4] Tu não tinhas pudor quando te comportavas de forma desonrosa, mas agora tens vergonha de o dizer. Eu peço, Apolo, com toda a minha devoção, que ela tenha mais vergonha em agir do que em falar.» A estas acusações, pelos deuses!, fiquei vermelho de raiva e pouco faltou para tapar os ouvidos — eu era um outro Proteu, mudando em mil cores, extremamente irritado com o sarcasmo do seu pai. [12.5] O sacerdote dirigiu-se-lhe: «Para com isso, Sóstenes. Não faças com que a rapariga se retire. A vergonha é filha da reprovação, não é o comportamento que a gera.» E pede à jovem: «Não hesites e conta-me.»

[13.1] Ela, inundada de copiosas lágrimas e suores, numa língua vacilante, a voz cortada por soluços, os olhos fixos no chão, consegue dizer: «Tudo o que se passou até à nau, ao mar e à tempestade já foi contado por este homem. [13.2] Quando fui lançada ao mar, um golfinho levou-me no seu dorso, enquanto saltava por entre as ondas e nadava com muita ligeireza. Eu segurava-me ao dorso do animal, nua como estava, atordoada pelas ondas e com vertigens do mar, e tinha a alma dilacerada com medo do animal. [13.3] Esse animal foi a minha salvação, porém julgava que o meu ajudante era meu inimigo. Estava aterrorizada com o meu salvador, amava o meu inimigo e era como um salvador que o abraçava. [13.4] Uma vez que o meu salvador era um animal selvagem, procurava fugir-lhe, mas não me fiava nas ondas, e achava-me por isso oprimida pelos meus pensamentos, pelas ondas e pela criatura selvagem.

[14.1] Quando já estava para exalar a minha alma entre as ondas, apareceu diante de mim um jovem nu (também ele montado num golfinho), estendeu-me a mão e, agarrando-me, levou-me para terra firme; depois, batendo as asas dos pés (pois os seus pés eram providos de asas), voou para longe dos meus olhos. [14.2] E eu, sentada à beira-mar junto da rebentação das ondas, soluçava entre lágrimas: ‘Ó mãe! Ó mãe!’ Ora, após alguns dias, não sei dizer exactamente quantos foram, avistei uma nau a passar — estendi-lhe as mãos com gestos de súplica e gritei por socorro. [14.3] Os marinheiros trouxeram a nau até à costa, resgataram-me da praia e fizeram-me entrar na nau. Mostraram-se compassivos para comigo, deram-me uma túnica rasgada, feita em pedaços, e ofereceram-me comida com toda a simpatia, inteiramente condoídos do meu infortúnio.

[15.1] Então, navegando toda a noite com um vento favorável, a terra ainda um pouco à vista, prosseguíamos viagem sem grande violência. Ao nascer do sol, a ondulação encrespou-se, o vento intensificou-se e o mastro ruiu. [15.2] O timoneiro procurava chegar a terra para fugir à tempestade, mas, sem se aperceber, para fugir ao fumo correu para o fogo, pois no mesmo momento que atracou a nau em terra deixou-nos à mercê de homens selvagens. [15.3] Na verdade, havia uma trirreme no porto e um grupo numeroso de homens na praia, de olhos ferozes, aspecto enegrecido, mãos assassinas, mais pareciam animais selvagens do que homens. Capturaram-nos a todos, mataram os homens sem piedade e regozijaram-se com a sua presa. [15.4] Quanto a mim, não sei como, atiraram-me para o fundo do navio, prendendo-me com travas de madeira nos pés. [15.5] No final daquele dia, içaram a vela, dando o navio ao vento, e durante toda a noite fomos transportados com tranquilidade por um vento sereno:

e quando o sol brilhante despontou,  
avistámos terra e uma cidade em terra.

[16.1] Tendo então desembarcado da trirreme, os piratas fizeram negócio com os cidadãos: descarregaram a mercadoria do navio e também a mim fizeram sair; levaram-me para uma fonte, coroaram-me de louro e a seguir lançaram-me dentro de água. [16.2] Uma hora depois, retiraram-me de lá e registaram-me como escrava de Ródope, com quem cheguei até este grande altar da liberdade. Ela tornou-se minha senhora por causa do mar, do destino e da escravidão imposta pelos bárbaros.»

[17.1] Enquanto a minha Hismine concluía a sua parte da história, o banquete chegava entretanto ao fim, e deixando a mesa sumptuosa fizemos logo as libações para dormir.

